



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**REBECA QUIRINO DE OLIVEIRA**

**NÓS: A HISTÓRIA DE DOIS OU MAIS**

**FORTALEZA, CE**

**2021**

## **NÓS: A HISTÓRIA DE DOIS OU MAIS**

Projeto experimental apresentado em cumprimento às exigências do curso de Comunicação Social - Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC) para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador do projeto:  
Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

FORTALEZA, CE

2021

REBECA QUIRINO DE OLIVEIRA

**NÓS: A HISTÓRIA DE DOIS OU MAIS**

Este relatório foi submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho deste relatório é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica. Relatório apresentado à Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas (Orientador)

Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa (Membro)

Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Fernando Luís Maia da Cunha (Membro)

Universidade Federal do Ceará

**FORTALEZA,CE**

**2021**

## **AGRADECIMENTOS**

“Nós - a história de dois ou mais” não existiria se não fossem as várias pessoas que fazem a minha vida ser conjugada do plural. Quando ainda estava em dúvida sobre o que fazer como Trabalho de Conclusão de Curso recebi uma dica da minha irmã, Camilla Quirino. No início pensei ser uma dica boba, pois ela me disse para responder algumas perguntas escritas em uma folha que falavam sobre meus propósitos com a profissão, como cheguei até e etc. Porém, ao pensar em cada resposta vi estampado o nome daquela que me gerou, minha mãe, Rocilda Quirino.

Ela estava em tudo, em cada passo, cada decisão, em cada acerto e cada erro. Foi por ela, pela família que ela me deu e pelas pessoas que ela cativou ao meu redor que hoje posso entregar esse trabalho, que simboliza o fim de um ciclo, mas também a continuidade da minha história e das de todas as pessoas que fazem parte dela.

Diante disso, meu primeiro agradecimento é ao meu bom Deus, que me concedeu esta vida e que me agraciou com pessoas tão maravilhosas ao meu redor. Tenho certeza que Ele escolheu os melhores personagens para compor a minha história.

Agradeço, aos meus pais Isaías e Rocilda, que com muito esforço dedicaram suas vidas para dar o melhor de si mesmos para mim e para a minha irmã. A vida com eles sempre foi extraordinária, mesmo na ordinariedade dos dias comuns. Obrigada por serem meus exemplos em tudo.

A minha irmã, Camilla, obrigada por ser aquilo que eu não sou. Sua generosidade e força tornam os meus dias mais leves e felizes. Agradeço por toda a proteção e confiança que sempre teve em mim. Você me tira do conforto dos meus dias e me encoraja a encontrar lugares mais altos e fantásticos, assim como nas histórias de criança. Obrigada por me fazer sonhar e acreditar.

Ao meu cunhado, João Paulo, que deu tudo de si para que eu pudesse concluir este trabalho. Mais do que a ajuda em todo o processo, você é também uma das pessoas que traz mais graça à minha vida. Obrigada por toda a dedicação que tem comigo e com todos aqueles que estão à sua volta. Agradeço também por colocar todo o seu sentimento em cada nota tocada e em cada palavra cantada.

A Raquel Gadelha, minha grande amiga. Obrigada por me ensinar a ver o mundo para além das janelas da universidade. Você me ensina todos os dias sobre como vencer meus medos, a acreditar que existem pessoas que realmente estarão ao nosso lado sempre, seja em um laboratório editando vídeos ou em um quarto escutando meus sentimentos mais profundos. Você é uma das pessoas mais incríveis que já tive a sorte de conhecer. Obrigada por toda a ajuda nesse trabalho.

Ao meu orientador, Ricardo Jorge, que mesmo com todas as dificuldades impostas pelo momento em que vivemos, se dispôs a me acompanhar nesse processo. Agradeço por todas as ideias e conversar, por cada sugestão e também pela paciência e sensibilidade.

A todas as pessoas que fazem parte da minha vida. Minhas tias e tios, primos, irmãos, amigos da igreja que oraram por mim e me deram forças, as amigas da escola e da faculdade que sonharam este sonho comigo e a todos os amigos que a vida me deu.

Particularmente ao meu pai, especialmente, por sua força e por não me deixar desistir em nenhum momento desse processo. Por acreditar em mim e, pela fé, enxergar um futuro repleto de coisas com as quais nem mesmo eu consigo imaginar. Saiba que meu presente já é imensamente feliz apenas por tê-lo ao meu lado.

A minha mãe, pois até mesmo com sua partida você deixou a melhor história que eu já poderia contar. Obrigada por ter me ensinado a escutar os outros, a calar no momento certo e a falar quando for preciso. Tudo que aprendi nessa vida devo a você. Essa vida é curta demais para que eu pudesse lhe retribuir todo o amor que me dedicou, mas tenho a esperança de que um dia nos reencontraremos e bem forte vou te abraçar e dessa vez não te soltarei mais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7 E 8</b>
<b>JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>9</b>
<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>10</b>
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>SUPORTE ADOTADO .....</b>	<b>12</b>
<b>ESTRUTURA DO TRABALHO.....</b>	<b>13</b>
<b>DECUPAGEM, ROTEIRO E EDIÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>IMAGEM E SOM .....</b>	<b>15</b>
<b>EMBALAGEM .....</b>	<b>16</b>
<b>DIVULGAÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>18</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>19 a 33</b>

## INTRODUÇÃO

Como já dito pelo personagem Chicó na obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, o que morre “cumpru sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre”. A fala dita pelo simples sertanejo mostra que a morte está presente na vida de todos, seja quando chega para nós ou quando a vemos levar alguém. Para compreender como a ausência de um ente trazida pelo “mal irremediável” afeta a vida e as relações entre os familiares, este trabalho, feito por meio de um documentário, apresenta a história de famílias, pais e filhos (as), que perderam de maneira repentina suas esposas e mães em decorrência do rompimento de um aneurisma cerebral, assim como também, a história de quem sentiu de perto o medo da partida, mas teve uma chance de viver.

Quando a ausência se faz presente, a lembrança é o que resta para manter viva a memória de quem já se foi. É através da memória e do ato de recordar que se torna possível manter o vínculo com histórias vividas que foram interrompidas pela chegada da hora da partida. A dor da ausência nasce no momento em que a morte chega, e por vezes, sem aviso ou preparo preenche o espaço daquele que se foi. A perda de um ente é uma das dores que todas as famílias enfrentam, seja quando pais perdem seus filhos ou ao contrário, quando um filho perde seu pai ou mãe. Mesmo tendo consciência que a morte faz parte do ciclo da vida humana, ainda sim, aqueles que permanecem vivos sentem a dor pela partida daqueles que amam.

Um dos núcleos onde essas histórias se desenvolvem é a família que ao longo da vida vai crescendo e diminuindo também. A família é o núcleo inicial onde os indivíduos iniciam suas histórias e a partir do momento em que entram no palco da vida, as luzes se acendem e depois, não se sabe ao certo o que acontecerá entre um ato e outro, mas sabemos que em um momento a peça chegará ao fim e as luzes se apagarão. Na história de cada um há a presença de outros, e quando juntos o “eu” se torna “nós”. Ao desenrolar da trama, o enredo ganha novos contornos e aquilo que poderia ser uma linha reta que segue até o ato final, se torna um emaranhado de nós que marcam, que desalinham, que juntam e também se desfazem.

Assim como em filmes ou peças, a vida também possui personagens que se relacionam e juntos contam a história de si mesmos, do outro, dos dois, três, ou mais. Os nós

que se formam às vezes podem ser desfeitos quando um dos personagens sai de cena em um ato inesperado e deixa a história, que agora deve prosseguir sem ele. A morte, por vezes, surge como elemento surpresa que desestabiliza a ordem roteirizada para a vida. Maridos perdem suas esposas, filhos e filhas perdem suas mães e mesmo em um momento em que o tempo parece parar, a vida continua.

Nesse projeto, inspirado inicialmente em uma experiência pessoal de perda, observo como se alteram as narrativas, a rotina e as relações estabelecidas dentro do núcleo familiar com a ausência de um dos membros, tendo a casa como o ambiente principal onde essas interações acontecem. Como cada família enfrenta o processo de luto? De que maneira as relações familiares se alteram após a morte de um dos membros? Como as narrativas sobre si mesmos e sobre quem se foi são contadas por esses sujeitos? Esses são alguns dos questionamentos que direcionaram a abordagem deste tema.

Por meio da comparação entre o curso da vida e uma história encenada, o documentário cria uma atmosfera onde as narrativas dos entrevistados se apresentem de maneira mais fluida, contadas por eles mesmo com o fim de gerar novas memórias, como em um filme caseiro que registra e guarda momentos que depois parecem ser como um filme da vida.

## JUSTIFICATIVA

A motivação inicial para este trabalho se deu por um desejo pessoal de recontar de alguma maneira a história da minha mãe, Rocilda, falecida em decorrência do rompimento de um aneurisma cerebral em maio de 2019. A partir dessa experiência, percebi que eu mesma e meus familiares recorrentemente compartilhamos as memórias que temos de momentos vividos com Rocilda e que nossas relações foram alteradas após sua morte, bem como nossa rotina. Por esse motivo tive o desejo de compreender mais sobre as relações familiares daqueles que perderam um ente querido, nesse caso aqueles que tinham uma convivência mais próxima com essas mulheres que faleceram, seus maridos e filhos.

Creio que ao abordar este tema minhas experiências pessoais auxiliaram na obtenção de uma percepção mais sensível e próxima daqueles que viveram a mesma situação. Nesse sentido, também busquei trazer neste trabalho um olhar mais próximo do jornalista com a história de suas fontes. Histórias que não apenas são mediadas por esses profissionais, mas que também perpassam suas próprias narrativas e alteram o fluxo de suas histórias.

Outro recorte deste projeto é em relação às circunstâncias da morte dos entes dos entrevistados. Busquei maridos e filhos de mulheres que faleceram em decorrência do rompimento de aneurismas cerebrais, deformidade que normalmente não apresenta sintomas antes de causar danos ao sujeito, podendo levar a uma morte inesperada. Porém, também trago a história de duas irmãs, onde uma delas teve um aneurisma cerebral rompido enquanto estava no hospital, a outra buscava meios para salvar a vida da irmã, que sobreviveu.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivos Gerais**

O documentário tem como objetivo compreender como os sujeitos inseridos em um núcleo familiar narram e constituem suas próprias histórias a partir das experiências vividas com um ente que já faleceu e como a morte deste parente altera as relações familiares. Compreender como as circunstâncias da morte interferem na narrativização da história já vivida, no presente e na perspectiva de futuro desses sujeitos. Analisar como o momento de perda, ou quase perda, modificou as formas como o sujeito analisa e conta sua história.

### **Objetivos Específicos**

- Entrevistar pessoas (filhos e pais) que perderam as mães/esposas em decorrência do rompimento de um aneurisma cerebral.
- Compreender se a perda ocorrida se apresenta de forma diferente nos discursos dos sujeitos sobre si mesmos e sobre as pessoas que já partiram.
- Compreender como a experiência de quase perda alterou as relações familiares em um caso onde houve a sobrevivência da vítima de aneurisma. Entender como essa experiência modificou sua vida.
- Acompanhar a rotina desses sujeitos e observar como as narrativas sobre si mesmos e sobre suas memórias com seu ente falecido se apresentam nas ações realizadas no dia-a-dia.

## **METODOLOGIA**

Foram realizadas pesquisas de artigos, reportagens e documentários que auxiliaram tanto com informações quanto na criação estética e na narrativa do trabalho. Também foi realizada a busca por fontes que se encaixassem no perfil, seguida de pré-entrevistas para a escolha final das fontes que fizeram parte do documentário. As entrevistas foram realizadas com as fontes em suas casas.

O tema da pesquisa tem uma abordagem qualitativa, por se tratar de questões e respostas ligadas fortemente às experiências humanas vividas com outras pessoas e de como a experiência da morte da mãe/ esposa repercute nas narrativas desses indivíduos e em suas relações familiares. Para colaborar com a definição de pesquisa qualitativa foi pesquisado o seguinte conceito:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, além de se preocupar com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondente ao espaço mais profundo das relações sociais, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22)

A escolha da abordagem qualitativa se deu porque a mesma aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não captável em equações e estatísticas, segundo (MINAYO: 1994). A utilização dessa técnica de pesquisa é capaz de apontar os caminhos para compreender melhor, juntamente com a metodologia da história oral, que privilegia e recupera o vivido conforme concebido por quem viveu, as narrativas dos entrevistados.

A entrevista, método utilizado para captar as histórias das fontes, foi realizada tendo em vista o estabelecimento de um “diálogo possível” entre entrevistador e entrevistado, onde a técnica é ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU, onde o entrevistado e o entrevistador saem “alterados” desse encontro, como expõe a autora Cremilda Medina (MEDINA, 1986). Além disso, os momentos de apuração foram filmados e fotografados para compor o produto final.

As informações presentes nesse projeto foram obtidas por meio das falas das fontes, o que caracteriza suas próprias experiências. A captação de todo o material foi feita na forma audiovisual. O documentário foi narrado em 1ª pessoa e divulgado em plataformas virtuais.

## SUPORTE ADOTADO

O ponto de partida do trabalho é a morte, uma realidade com a qual muitas famílias lidam todos os dias e que é retratada cotidianamente pelo meio jornalístico, seja em reportagens televisivas que mostram a dor imediata das famílias que perderam um parente ou em reportagens mais aprofundadas que também falam sobre o tema. Diante disso, este trabalho pretende compreender os processos que envolvem a perda de uma pessoa amada para além do momento imediato da morte, mas sim nas situações mais triviais do cotidiano.

Assim, a captura por meio de imagens que serão documentadas se mostra como uma maneira de tanto captar de forma mais ampla, visualmente e por áudio, as histórias desses personagens, bem como remeter a ideia de uma narrativa fílmica, onde há um início e um fim da trama, o que se compara ao ciclo da vida humana. Para além disso, a ideia de documentar retoma uma prática de muitas famílias que fazem e guardam filmes caseiros onde são armazenadas as memórias que compõem as experiências daqueles sujeitos.

O produto principal do projeto é constituído por um documentário. De acordo com Penafria (1999:109 apud Teixeira, 2002, p.26), no documentário, a perfectibilidade do filme dialoga com a imperfectibilidade dos "intérpretes", personagens reais do mundo existente. Como os diálogos não podem ser previamente escritos e costumam não ser previsíveis, diz-se que um documentário é o "argumento encontrado".

O documentário ficará hospedado em um site de vídeos, o YouTube. Para além disso, posteriormente as narrativas contadas no documentário serão reformatadas para o Instagram, onde o público poderá ter acesso a informações que complementam o entendimento das histórias desses personagens, como em um álbum virtual onde os principais marcos de suas histórias estarão documentadas.

## ESTRUTURA DO TRABALHO

Para a criação do produto audiovisual, acompanhei a rotina de 4 famílias, em 3 delas onde a mulher (mãe/esposa) faleceu por conta de um aneurisma. A outra família é composta por duas irmãs, sendo que uma delas teve um aneurisma rompido e quase veio a óbito. A outra irmã foi responsável por cuidar da irmã após o rompimento do aneurisma e por conta-la o que aconteceu durante o tempo em que esteve internada.

Dentro do documentário, uma das famílias entrevistadas é a minha. Fui responsável por entrevistar minha irmã, Camilla Quirino e meu pai, Isaías Lucas. Para que eu mesma pudesse também falar sobre a história da minha mãe e da minha família, recebi a ajuda da minha amiga Raquel Gadelha, também estudante de jornalismo, que me entrevistou.

O documentário tem uma mescla de imagens capturadas durante a apuração e imagens do arquivo pessoal dos entrevistados que serão utilizadas em momentos onde haverá *flashbacks* na narrativa. Desta forma os entrevistados contam as histórias de como suas famílias começaram e alguns momentos marcantes da história familiar.

O ambiente central do documentário foi a casa dos entrevistados, onde a maioria das interações familiares ocorrem. Entre falas sobre o cotidiano e as mudanças na rotina do lar após o falecimento da esposa/ mãe, imagens das atividades do dia a dia e de partes da casa aparecem. Bem como, no caso onde a vítima do aneurisma permaneceu viva, como sua relação com a irmã foi alterada. A narrativa caminha ao longo do documentário para mostrar que não se trata apenas da relação com o passado, mas sim do que se tem agora, em se perceber como a relação entre os membros da família se modificou após a experiência de perda ou quase perda.

Para explicar com mais clareza sobre a doença que causou a morte dos parentes dos entrevistados, foi entrevistado o Neurorradiologista Intervencionista, Diego Bandeira, que esclareceu sobre questões como: causa da doença, sinais, procedimentos, entre outros.

## **DECUPAGEM, ROTEIRO E EDIÇÃO**

Utilizei a ferramenta Voice Meeter para realizar a decupagem automáticas das entrevistas. Mesmo que tenham ficado alguns erros como troca de palavras e a falta de pontuação, o programa foi de grande auxílio para a transcrição das entrevistas de forma geral. Para fazer as correções em cada entrevista, contei com a ajuda da minha amiga Raquel Gadelha e da minha irmã Camilla Quirino. No processo de elaboração do roteiro do documentário, a decupagem foi de grande ajuda, tendo em vista que possibilitou ter uma visão geral das falas dos entrevistados, com a possibilidade de se fazer uma análise mais profunda e encontrar pontos de contato entre as histórias, o que fortaleceu a narrativa.

Todos os textos foram transcritos para o Google Doc, ferramenta do Google drive onde armazenei todos os arquivos escritos referentes ao documentário, tendo em vista que por ficar salvo na nuvem pode ser acessado em qualquer dispositivo e diminui o risco de perda dos materiais produzidos. Para a escrita do roteiro também contei com o auxílio da minha amiga Raquel Gadelha, que grifou trechos das entrevistas que ela acreditava serem importantes para compor a narrativa.

Para escrever o roteiro usei o modelo de tabela, dividindo em quatro colunas: imagem, áudio das entrevistas, momentos de inserção de textos e músicas (em anexo no fim do relatório). Na parte de áudio das entrevistas coloquei os trechos referentes ao início e ao fim de cada fala e acrescentei os minutos correspondentes a parte da fala no vídeo para facilitar o processo de corte. Além disso, também indiquei a média de duração de cada trecho para ter uma noção do tempo que cada parte do documentário teria. Inevitavelmente, durante o processo de edição ocorreram algumas modificações, que puderam ser visualizadas apenas quando a montagem foi feita e que não estão indicadas no roteiro.

Para a edição usei o programa Adobe Premiere Pro 2019 e Filmora. No primeiro realizei a sincronização dos áudios com os vídeos das entrevistas. Nesse processo também contei com a ajuda da Raquel Gadelha. Para os cortes e edição geral do documentário, como inserção de GC's, transições, efeitos visuais e sonoros, utilizei o Filmora. Já para a edição de trechos específicos, que precisavam de um tratamento especial de áudio, usei o programa de edição de áudio Sound Forge.

## IMAGEM E SOM

Para gravar as imagens presentes no documentário utilizei uma câmera da Canon SL3 e um celular da linha Mi A3 da Xiaomi. As principais imagens do documentário foram capturadas pela câmera Canon SL3, que foi utilizada em um tripé fixo, posicionado sempre à esquerda dos entrevistados. Já a câmera do celular da linha Mi A3 da Xiaomi foi utilizada para capturar imagens de apoio durante as entrevistas, principalmente imagens no estilo “making off”. Para operar o celular e fazer essas imagens mais livres enquanto eu realizava as entrevistas, contei com a ajuda da minha amiga, Raquel Gadelha e também do auxílio do meu cunhado, João Paulo Vieira.

Para captação de áudio usei o Microfone Lapela Duplo Boya BY-M1DM Omnidirecional Condensador. Como o produto possui dois microfones ligados na mesma fonte de captação de áudio, foi possível entrevistar até duas pessoas ao mesmo tempo. Para isso, coloquei um microfone em cada pessoa e o conectei no celular onde o áudio estava sendo gravado. Com os áudios gravados no celular, posteriormente sincronizei as vozes com o vídeo das entrevistas, o que deu um ganho na qualidade sonora do documentário.

Para tanto utilizei o programa Adobe Premiere, onde, por meio da ferramenta mesclar, pode sincronizar os áudios com os vídeos de modo mais prático. Para a edição dos áudios de forma geral, utilizei a ferramenta do programa onde as entrevistas foram editadas, o Filmora, para aumentar ou diminuir o volume das vozes. Em casos mais específicos, onde foi utilizado o programa Sound Forge para fazer ajustes nos áudios.

Para compor a parte sonora do documentário escolhi músicas disponibilizadas no próprio programa de edição de vídeos para tocarem em algumas falas dos entrevistados durante o documentário. Para a abertura e o encerramento escolhi músicas que possuem um significado especial para mim e minha família, ambas interpretadas por meu cunhado, João Paulo Vieira, que é músico. A música Ai que saudade d’oce é a música que minha mãe e meu pai consideravam como música tema da história deles e para além disso, por tratar de saudade, a música esteve muito presente em minha vida, principalmente após o falecimento da minha mãe. Já a música O amor é filme, tocada nos créditos do documentário faz parte do filme Lisbela e o Prisioneiro, e retrata de forma singular que a vida parece ser um filme e que nesse filme o personagem principal é o amor, tanto de que vai como de quem ficou.

## **EMBALAGEM**

Com a utilização cada vez mais alta de plataforma virtuais para a divulgação de materiais audiovisuais, neste primeiro momento o documentário ganha uma capa para digital para fortalecer sua identidade visual nas plataformas digitais nas quais será divulgado. A escolha inicial de deixar o produto apenas no espaço digital acontece devido a realidade atual de expansão do consumo online e da pouca utilização de CD's e aparelhos de DVD. No entanto, posteriormente, pretendo fazer um kit com uma mídia física para ficar como recordação desse produção.

## **DIVULGAÇÃO**

Após apresentar o documentário para defesa do TCC, pretendo divulgá-lo em minhas redes sociais, principalmente no Instagram e Youtube, não apenas para compartilhar as histórias que foram contadas neles com outras pessoas, mas também para dar início a uma nova fase da minha vida como jornalista. Posteriormente, para tornar o documentário mais acessível pretendo colocar legendas. Como parte de projetos futuros, pretendo desmembrar as histórias contadas no documentário para micro histórias e se mesclarão com outros formatos como texto e imagens estáticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mim este documentário significou mais do que um produto para a conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará. Ele simboliza todo o meu processo enquanto estudante, de descobertas, de erros e de acertos, de boas e más entrevistas, e ainda de dúvidas em relação ao futuros, mas com a certeza de que sempre é possível melhorar. Para além da parte acadêmica, esse documentário me toca de forma pessoal, pois conta uma grande parte da minha história de vida. Nele são expostos tanto os meus sentimentos, quanto os dos demais entrevistados, que de forma tão generosa me deram o grande prazer de ouvir suas histórias, de conhecer os sentimentos mais tristes e felizes deles.

O processo não foi fácil, ter que reviver a história da morte da minha mãe e ter que ver nas histórias de outras pessoas uma dor tão parecida com a minha de fato teve um grande impacto na minha vida e na minha história. Entrevistar meus familiares, minha irmã, Camilla e meu pai, Isaías, também foi uma experiência muito especial. Ter que olhá-los com o olhar de quem está ali só para escutar de um ponto de vista mais distante não foi fácil, mas me fez enxergá-los para além do que eles sempre foram, minha irmã e meu pai, pude enxergá-los como pessoas.

Como jornalista, pude experimentar da prática aquilo que Cremilda Medina disse em seu livro “Entrevista o Diálogo Possível”, onde afirma que a entrevista estabelece um “diálogo possível” entre entrevistador e entrevistado, onde a técnica é ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU, onde o entrevistado e o entrevistador saem “alterados” desse encontro. Posso afirmar que fui profundamente alterada com o encontro que tive com cada uma das pessoas que entrevistei. Para mim, a história contada em Nós - a história de dois ou mais vai além das histórias independentes de cada família, mas se trata também da nossa vida, de como em tudo que construímos há um eu, um tu e conseqüentemente um nós. “Nós” nos lembra sobre o que se trata a vida, que nada mais é do que um encontro com aqueles ou aquilo que amamos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELALIBERA, Maya et al. A dinâmica familiar no processo de luto: revisão sistemática da literatura. 2015.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. Editora Ática. São Paulo. 1986.

PENAFRIA, Manuela. O filme documentário: história, identidade, tecnologia. Lisboa: Editora Cosmos, 1999.

SANTOS, Maria Cristina. A importância da história oral como metodologia de pesquisa.. Eventos UFU. Disponível em:

[http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraaalves.pdf?fbclid=IwAR3AgDsEirgOT\\_LLjs8EwNJzxbzah-xwz4\\_J-bU28U\\_HXj9XQCG12pOVB60](http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraaalves.pdf?fbclid=IwAR3AgDsEirgOT_LLjs8EwNJzxbzah-xwz4_J-bU28U_HXj9XQCG12pOVB60). Acesso em: 05/12/2019

TEIXEIRA, Cristina. O documentário como gênero audiovisual. Comun. v.5 . 2002.

Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168/14059>

Acesso em: 11/09/2020

SOUSA, Luiza; TOGURA, Tiaki. História oral como metodologia de pesquisa: uma formação de professores de matemática da região da grande Dourados/ms. 2013. Disponível em:

[http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/ciem/vi/paper/viewFile/1457/501?fbclid=IwAR2YQRL3A2KryE4MRSRCjiwkFAtCkZP7\\_CaB36MZg1HAEduYxuSfH3iUpII](http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/ciem/vi/paper/viewFile/1457/501?fbclid=IwAR2YQRL3A2KryE4MRSRCjiwkFAtCkZP7_CaB36MZg1HAEduYxuSfH3iUpII); Acesso em: 11/09/2020.

## ANEXOS

### Roteiro

Tópico	Áudio	Imagens	Texto	Músicas
<b>ABERTURA</b>	Letra da música “Ai que saudade D’ocê”	Fotos da família + ZOOM IN (lento) + transição desvanecer + Título no final	Nós: a história de dois ou mais	Ai que saudade D’ocê
	Rocilda: Hoje eu acordei me veio uma falta de você, saudades de você, saudades de você.	Tela preta	---	Som do vídeo
<b>1. QUANDO NOS TORNAMOS NÓS</b>	<p><b>Narradora:</b></p> <p>Um nó, dois nós            Eu, mais um ou mais            Um ser simplesmente            O eu poético            Do verdadeiro encontro            Nó, no plural, nós</p>		Texto falado aparecendo na tela por partes	
	<p><b>Camilla:</b> Quem era a Rocilda? É difícil, acho que achei que eu tava pronto, mas eu não tô, mas dá para fazer. (...) Era alguém que não media esforços para ver a felicidade do outro, alguém que sempre me apoiava, que sempre sonhava junto comigo e que é minha referência, meu exemplo de mulher, de mãe, de tudo.</p> <p><b>(C1: 00:45 - 2:19) total: 1m34</b></p>			
	<p><b>Isaiás:</b> Eu conheci a Rocilda no ano de 1983. (...) Foi um namoro muito bom, nós se amava como eu acho que ninguém se ama nesse mundo. Então a Rocilda para mim é tudo. Eu não a esqueci e sempre sinto ela a presença dela ao meu lado.</p> <p>...</p>	<p>Isaiás (entrevista)</p> <p>+</p> <p>Foto da Rocilda</p>		

	<p>(Imagem da Rocilda jovem)</p> <p><b>(I1: 1m50 - 2m58) total: 1m08</b></p> <p><b>Isaiás:</b> A memória mais bonita que eu tenho dela é aquela menina que eu conheci com 19 anos, muito alegre, toda da vida foi alegre. Podia estar no nosso maior sufoco, mas você não sabia. Isso eu me lembro muito dela e a todo momento, tudo que a gente fez juntos foi maravilhoso. Podia estar no nosso maior sufoco, mas você não sabia. Isso eu me lembro muito dela e a todo momento, tudo que a gente fez juntos foi maravilhoso.</p> <p><b>(I1: 07m57 - 8m25) total: 0:28</b></p>	<p>(jovem)</p> <p>+</p> <p>Isaiás (entrevista)</p>		
	<p><b>Rebeca:</b> Ela era uma pessoa muito amorosa. Ela tinha amor em tudo o que ela fazia, com qualquer pessoa, sabe?(...) Depois, eu ia procurar a roupa, não tava mais no guarda-roupa, ela tinha dado. Então, ela se doava demais. (...) Ela escutava muito as pessoas, e assim, às vezes é só o que a gente precisa, sabe? Então, sinto falta disso.</p> <p><b>(R1: 03m36 - 05m01) total:1m25</b></p>			
	<p><b>Nildo:</b> A Shirley era uma amiga minha, a gente se dava muito bem. Eu trabalho no supermercado na granja e teve um período que ela tava desempregada. Aí ela passava o dia todinho lá no Mercantil mais eu. (...) Ai a gente começou a namorar, não foi nem namorar, que eu falei né, a gente já começou e já foi morar junto, não teve aquele aquele tempo de namoro, eu acho que foi por isso que deu Tão certo.</p> <p><b>(N2: 00:14 - 03m09) total: 2m55</b></p>	<p>Nildo (entrevista)</p>		
	<p><b>Gina:</b> eu penso muito nela na questão do ajudar, ela era uma pessoa que gostava muito de ajudar, as vezes é até chato, porque às vezes uma pessoa de rua que ela mal conhecia assim ela queria fazer alguma coisa, queria ajudar e aí ela ficava perturbando, enchendo (...) Isso é muito marcante, esse jeito</p>			

	<p>dela, a gente dizia que ela era juruoca, ela ficava meio assim, meio atarentada, e aí é uma coisa uma característica que eu lembro muito dela, assim e que me faz muita falta hoje em dia.</p> <p><b>(G1: 03m53 - 5m03) total: 1m10</b></p> <p>Ela também era muito briguenta, ela é muito briguenta. Quando ela se chateava... cansou de acabar Natal, de brigar e acabar festa e tudo. Era uma outra característica bem forte nela.</p> <p><b>(G1: 09m28 - 09m45) total: 00:17</b></p>			
	<p><b>Carlos:</b> Ah lá pelos meus 20 anos, mais ou menos. Eu gostava de fazer amigos e saia, saia a pé pelo bairro para conversar com os colegas e tudo mais e uma tarde, se não me engano foi numa tarde no sábado e uma colega me ligou e pediu para eu ir lá para casa dela pra gente bater papo, conversar com os amigos e tudo mais. (...) Depois passou um tempo, a gente passou um período sem se ver alguns meses depois eu vou voltar e reencontra-la naturalmente na rua, a gente voltou a conversar e ficamos nos encontrando até que surgiu o namoro.</p> <p><b>(G3: 00:15 - 01m31) total: 1m16</b></p>			
	<p><b>Elisângela:</b> A vida da gente foi sempre muito junta, tudo foi muito vivido junto. (...) O umbigo da gente foi colado um no outro, só pode (risos) porque é complicado.</p> <p>(...)</p> <p><b>(EL3: 00:29 - 1m20) total: 00:51</b></p> <p>IMAGEM (fotos das duas)</p> <p>A nossa relação, essa percepção de convivência é desde criança. A gente nunca viveu uma longe da outra.</p> <p><b>(EL3: 02m58 - 03m11) total: 00:13</b></p>			
<b>TOTAL</b>	<b>Em média: 10 minutos</b>			
<b>TRANSIÇÃO</b>	<b>Rebeca:</b> <i>(cantando a música flor</i>			

	<i>mamãe)</i>			
<b>2. QUANDO UM NÓ SE DESFAZ</b>	<p><b>Rebeca:</b> Ela morreu no dia 12 de maio, mas no dia 11, ela tinha saído pra um bingo, aí ela chegou toda animada né, que ela ia só... sempre perdia, acho que ela só ganhou uma vez, mas ela só para frescar, aí foi. Eu até lembro, ela tava com um vestido amarelo, tudo de flor, assim, bem amarelo, que ela gostava. Amarelo era a cor preferida dela.</p> <p>Aí ela chegou, a gente tava tudo aqui em casa, ela foi jogar Candy Crush, de novo, e pronto; fez a janta do meu pai, deitou na redinha dela e ficou lá jogando. Depois foi dormir.</p> <p>(...)</p> <p>A gente trouxe ela pro quarto, ela ficou deitada um tempinho e disse que tava melhorando, mas aí depois ela começou a vomitar, né. E ela foi perdendo os sentidos nessa hora,</p> <p>(...)</p> <p>eu não sabia o que tava acontecendo</p> <p><b>(R2: 08m55 - 11m38) total: 2m32</b></p>			
	<p><b>Camilla:</b> O que a gente sabia que fez sentido depois foi por causa da família né, que uma tia minha tinha falecido antes de eu nascer até, com 37 anos, ela faleceu de aneurisma e se falava isso quando eu e a minha irmã perguntávamos sobre como era a nossa tia e como ela tinha morrido. Então diziam que foi o aneurisma na cabeça. Enfim a gente teve nenhum outro caso na família a não ser o da minha tia. Então a gente descobriu na hora, depois que ela tava no hospital.</p> <p><b>(C1: 06m50 - 07m34) total: 00:44</b></p>			
	<p><b>Rebeca:</b> E aí foi uma aflição, meu pai lá no hospital e eu e minha irmã aqui em casa, e a notícia que a gente teve, logo de primeira foi a questão da aneurisma, que ela tinha um aneurisma e a gente não sabia e tinha se rompido, e aí isso faz com que se espalhasse sangue no</p>			

	<p>cérebro dela, e que o primeiro diagnóstico dos médicos era de morte cerebral. (...) A minha irmã entrou comigo, falou, mas eu só consegui olhar para ela e pronto; e aquilo me deu esperança.</p> <p><b>(R2: 12m07 - 13m20) total: 01m13</b></p>			
	<p><b>Diego:</b> o aneurisma cerebral é umas dilatação das artérias. Elas podem ter uma fragilidade da parede e como ela é submetida sempre uma pressão, que a pressão arterial, nesse ponto de fragilidade existe uma dilatação, como se formasse um saco saindo da artéria e esse saco, que é um aneurisma, a gente chama de aneurisma saculiforme, em formato de um pequeno saco aqui na bolsa de sangue, ele é mais fino do que aparelho normal da artéria e por isso existe o risco de romper. (...) Então a maioria é uma mutação espontânea que acontece na hora que você nasce.</p> <p><b>(D1: 03:46 - 05m04) total: 1m18</b></p>			
	<p><b>Gina:</b> foi uma surpresa. Eu tenho uma tia, irmã dela, que há muitos anos atrás teve um aneurisma que esse aneurisma rompeu na mesa de cirurgia. Por isso ela conseguiu se salvar né sobreviveu. (...) Ela não gostava muito de ir ao médico, então ela sentiu uma dor de cabeça (ela não ia ao médico).</p> <p>(...)</p> <p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p><b>(G1.1: 01m37 - 02m53) total: 1m16</b></p> <p>Então ninguém levava e nem ela levava muito isso a sério, uma dor de cabeça, (...)</p> <p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p>Ela tinha 55 anos, quando ela faleceu. Aconteceu no dia 14 de julho, foi o dia que ela passou mal, se internou, e faleceu dia 25 de julho.</p>			

	<p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p>Ela passou todo esse tempo internada, foi de 14 a 25 de Julho de 2015.</p> <p><b>(G1.1: 04m44 - 05m39) total: 00:55</b></p>			
	<p><b>Nildo:</b> Eu saí cedo para trabalhar e ela ficou em casa, entendeu?! (...) Aí, quando for por volta de 40 minutos, um sobrinho meu ligou dizendo que ela tinha sofrido um acidente. Sobrinho: - Você tá aonde? Nildo: - Tô no trabalho. Sobrinho: - Pois venha para casa que a Shirley sofreu um acidente.</p> <p><b>(N1: 00:28 - 01m46) - total: 1m24</b></p> <p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p>levaram ela para o IJF pra bater uma tomografia na cabeça dela. Aí foi constatado que ela teve aneurisma, (...)</p> <p><b>(N1: 05m04 - 05m32) tempo: 00:28</b></p>			
	<p><b>Diego:</b> O aneurisma é assintomático. Na verdade é um grande problema do aneurisma porque, ele não causa sintomas. (...) Fez o exame e descobriu,mas geralmente não tem relação entre enxaqueca e aneurisma.</p> <p><b>(D1: 05m25 - 06m03) total: 00:38</b></p>			
	<p><b>Elisangela:</b> O processo da descoberta foi um pouco complicado, porque a Érica sempre teve pressão alta, né, ela. A pressão da Érica é uma pressão altíssima, mais de 20, 20 por tanto, 19 por tanto e quando ela começou a sentir, as pessoas falam que é diferente de uma pessoa para outra, e se igualam quando acontece. No caso dela, ela começou a sentir muitas dores de cabeça constantemente, todos os dias, todo tempo e aí ela trabalhava na época numa empresa de venda de consórcio e ela começou a sentir dores e dores ela já tinha uns remédios que tomava de pressão.</p>			

	<p><b>(E1: 00:18 - 01m13) total: 00:55</b></p> <p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p>No decorrer da semana ela continuou sentindo dores, mas menos. (...) Eu me desesperei na hora. O marido da minha colega segurou ela, um outro amigo botou(...) ela apagou Total.</p> <p><b>(E1: 03m15 - 04m15) total 01m</b></p>			
	<p><b>Diego:</b> A dor de cabeça do aneurisma, ela é bem assim diferente, é uma considerada a dor mais forte de todas né. (...) E também o paciente pode em alguns casos entrar em coma ou ficar muito sonolento junto dessa dor de cabeça, não é sempre, o mais comum é a dor de cabeça.</p> <p><b>(D1: 06m37 - 07m28) total: 00:51</b></p>			
	<p><b>Nildo:</b> A dor de cabeça que ela vinha sentindo já era um sinal que não tava normal, mas nós não entendíamos. (...) Até então a gente tem toda Esperança do mundo, a esperança é a última que morre nunca, jamais imaginei que eu ia perder minha esposa com 34 anos.</p> <p><b>(N1:07m44 - 08m56) total 1m12</b></p>			
	<p><b>Elisangela:</b> Quando internaram ela o que passou na minha cabeça foi, “e agora o que que acontece?”</p> <p><b>(E1: 08m47 - 08m55) total: 00.08</b></p> <p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p>Até ela fazer o último procedimento, porque a gente não sabia como é que ia ser. (...) Então foi todo o apoio Logístico para que isso acontecesse.</p> <p><b>(E2: 11m47 - 12m19) total: 00:32</b></p>			
	<p><b>Gina:</b> ela tava em casa, eu tava em cima, porque aconteceu numa numa terça-feira e eu lembro que no domingo eu falei com ela no domingo à noite, ela só me falou que tava com muita dor de</p>			

	<p>cabeça, sentindo muita dor de cabeça e eu perguntei se ela tinha tomado algum medicamento, ela disse que ia tomar, perguntei se ela queria ir ao hospital, ela disse “não, eu vou dormir, vai passar”. (...) Quando eu entrei ela tava caindo no banheiro, já tava caída aí eu corri, a gente tenta socorrer.</p> <p><b>(G1.1: 09m52 - 12m32)</b></p>			
	<p><b>Nildo:</b></p> <p>Você sabe o que é você ficar com duas meninas pequenas, uma de 3 anos e uma de 4 meses, sem chão? (...) Eu disse “eu autorizava, pode doar, porque eu já tava morto mesmo, aí eu pelo menos ajudar outras pessoas que estão precisando né?”.</p> <p><b>(N1: 13m07 - 14m09)</b></p> <p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p><b>(N1: 14m26 - 14m37)</b></p>			
	<p><b>Rebeca:</b> A gente decidiu doar, porque ela nunca tinha comentado sobre isso, doação de órgãos, mas como a gente imaginou: ela se doava demais a vida inteira, então acho que se ela pudesse fazer mais uma coisa, mesmo já sem estar viva, ela faria. (...) E aí nesse dia eu cantei a música que ela cantava pra mim, que era “Flor mamãe”. Eu cantei ali, acho que como assim, a última esperança.</p> <p><b>(R2: 15m20 - 16m30) total: 1m10</b></p>			
	<p><b>Isaiás:</b> para mim só foi cair a ficha, como diz o ditado, com três dias. Era muita coisa, muita gente e eu na fé que ela tava só hospitalizada. Inclusive fui lá, ela já estava em coma, beijei, sabendo que ela ia se levantar daquele leito.</p> <p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p><b>Mas os dias foram passando, foi três dias esperando se ela resistia,</b></p> <p>mas não resistiu, aí foi que foi caindo a</p>			

	<p>ficha, mas realmente até hoje não caiu a ficha total. Eu falo muito com as minhas filhas que o que eu sinto muito é o convívio com ela de conversar, a gente se deitava na rede conversava, fazia os planos para a velhice, mas nossos planos não são os planos de Deus.</p> <p><b>(I1: 15m10 - 16m10) total: 1m</b></p>			
	<p><b>Rebeca:</b></p> <p>Eu só, é muito difícil, é uma sensação muito louca, você não sabe o que tá sentindo. É um misto de emoções, mas acho que naquele momento eu ainda tinha uma pontinha, assim, uma gotinha de esperança de que, não sei, que acontecesse um milagre e ela acordasse, me respondesse e cantasse, não sei; porque ela gostava de surpresas, então poderia ser que ela fizesse mais essa. E aí, eu acho que foi uma despedida mesmo ali, mas era como se de alguma maneira ela não tivesse morrido, não sei.</p> <p><b>(R2: 16m38 - 17m21) total: 00:43</b></p> <p>IMAGEM DE APOIO</p> <p>a sensação que eu tinha era que ou ela acordaria, ou não sei, aquilo era só um “até logo”, sabe? que em breve eu veria ela de novo. E assim, eu acho que é a única coisa que ainda me move, essa esperança que um dia sim eu vou de alguma forma encontrar com ela.</p> <p><b>(R2: 17m47 - 18m14) total: 00:27</b></p>			
<p><b>TRANSIÇÃO</b></p>	<p><b>Isaías:</b> “Você é alguém que se tornou tudo para mim, alguém que eu gosto de ter sempre ao meu lado, alguém que me aceitou do jeito que sou, você é a pessoa que eu amo, de Isaías para Rocilda.” (só a voz)</p> <p><b>(I2: 06m14 - 06m32) total: 00:18</b></p>			
<p><b>3. AINDA SOMOS NÓS</b></p>	<p><b>Camilla:</b> Eu lembro que ela me dava Mingau, ou alguma vitamina e ela cantava uma música para mim, da flor</p>			

	<p>mãe que mora no Jardim do coração. Eu não vou cantar porque senão vou chorar, mas eu lembro disso, eu lembro dela em todos os momentos da minha infância e era muito bom, que ela tava comigo o dia todo. Eu lembro dela 24 horas no meu dia, não tinha uma hora que a minha mãe não tivesse comigo.</p> <p><b>(C1: 02m54 - 03m40) total: 0.:46</b></p>			
	<p><b>Rebeca:</b> Eu lembro muito dela cantando, porque ela cantava muito mal, ela era muito desafinada, mas ela gostava de cantar. Tudo bem, ela gostava. Ela cantava muito uma música, era "Flor mamãe"... (...) Então, eu sempre lembro muito disso dela.</p> <p><b>(R1: 06m37 - 07m48) total: 01m11</b></p>			
	<p><b>Isaiás:</b> Ela queria cantar sem saber e não tinha voz. (...) Era uma graça. É tanto que você olha para a foto dela e eu sinto que ela tá viva. Pra mim ela tá viajando, não morreu.</p> <p><b>(I1:11m57 - 12m42) total: 01m16</b></p>			
	<p><b>Gina:</b> minha mãe era conhecida como alegria da rua</p> <p><b>(G1: 07m14 - 07m20) total: 00:06</b></p> <p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p>Uma vez ela achou que tava tendo um ataque cardíaco e ela foi o caminho todinho calado sentindo que tava tendo esse ataque, quando chegou aqui em casa, era o meu celular que tava guardada no sutiã e o negócio vibrando, tocando e ela achou que era o coração dela acelerando e achou que tava tendo um ataque. (...) Ela batia a cabeça nas vidraças sabe, de estar olhando as coisas até que batia de tremer tudo.</p> <p><b>(G1: 08m11 - 08m48) total: 00:37</b></p>			
	<p><b>Carlos:</b> aquele sorriso dela, o sorriso dela, quando ela ria eu achava muito bacana, eu perturbava muito para ficar</p>			

	<p>com raiva e depois rir. Ela ficava com raiva e depois começava a rir.</p> <p><b>(G3: 05m31- 05m47) total:00:16</b></p>			
	<p><b>Nildo:</b> Eu sinto muita falta dela não só como mulher, eu sinto muita falta dela como amiga, o que me faz mais falta assim era o momento que nós tínhamos de trabalho juntos, a convivência dentro de casa, isso me faz muita falta, porque era uma coisa que eu tinha muito muito constante.</p> <p><b>(N2: 05m30 - 05m52) total: 00:22</b></p>			
	<p><b>Camilla:</b> o que mais me faz falta? Acho que tudo né, tudo faz falta. (...)Ai quando eu entrei ela ficou super feliz, aí teve um tempo que na escola que eu trabalho agora tem uma publicação anual que eles fazem, uma revista, e eu apareci na revista, e quando eu peguei a revista, quando me contaram que eu tinha aparecido na revista eu olhei a foto e automaticamente eu ia ligar para ela, mas ela não tava.</p> <p><b>(C1: 08m49 - 10m19) total: 1m30</b></p>			
	<p><b>Rebeca:</b> No dia a dia, acaba que é tudo muito corrido né, trabalho e tudo, mas eu penso muito nela na hora de dormir. (...)Ai ficava ela reclamando dos personagens, eu explicando as coisas para ela que ela tinha perdido no capítulo anterior e era o nosso momento, era ali que a gente falava da vida, dos problemas, que ria, brincava e pronto, depois ela ia fazer janta, jogar Candy Crush, rotina normal e dormir. Dava boa noite, um beijinho e pronto</p> <p><b>(R3: 05m49 - 07m15) total: 1m25</b></p>			
	<p><b>Erika:</b> Foi um momento difícil? Foi um momento ruim? Foi, mas veem aquela gratidão, aquele sentimento de paz, de amor, de “meu Deus obrigada”. (...) Então não tem como não agradecer a Deus e as pessoas que ele colocou na minha vida nesse momento.</p> <p><b>(ER1: 07m26 - 08m15) total: 00:51</b></p>			

	<p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p><b>Erika:</b> a Elisângela, meu Deus, eu costumo dizer para todo mundo isso. A Elisângela não é só minha irmã, ela é minha amiga, minha mãe, meu anjo da guarda. Sempre cuidou de mim a Elizângela, sempre mesmo, sempre cuidou. Ela é tudo pra mim, bem dizer,</p> <p><b>(ER1: 06m25 - 06m47) total: 00:22</b></p>			
	<p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p><b>Elisangela:</b> Apesar de pouco ela me ouvir, teimosa... (risos). Ela é para mim, amiga é filha às vezes. Na maldade, assim, quando a gente quer falar mal dos outros, ela é pesada não, mas é assim, o companheirismo mesmo, a gente é muito companheiro uma da outra então não tinha como ser diferente quando ela ficou doente.</p> <p><b>(EEL1: 07m30 - 08m01) total: 00:31</b></p>			
	<p><b>Nildo:</b> Depois da morte da Shirley eu aprendi uma coisa, que a gente não pode pensar no futuro distante. Se a gente não viver o hoje, se a gente não der importância para hoje, o amanhã a gente talvez não vai ter. Parece uma coisa óbvia, mas quando você passa pelo que eu passei, de perder a sua esposa com 34 anos de idade, uma mulher nova, é que você vai ter noção do que realmente você tá falando.</p> <p><b>(N3.1: 00:31 - 00:59) total 00:28</b></p>			
	<p><b>Isaiás:</b> Eu só tenho que agradecer a Deus a vida dela, por ter conhecido ela. Hoje eu sinto muito, são dois anos e três meses, mas para mim foi ontem. (...)E que ele possa me dar força e coragem para enfrentar esses dias que ainda me resta, que eu não sei quantos, e um dia me encontrar com ela para dar aquele abraço bem grande.</p> <p><b>(I1: 05m59 - 07m00) total: 01:01</b></p>			
	<p><b>Camilla:</b> Eu gosto muito de ler, principalmente livros infantis, e tem um</p>			

	<p>livro que se chama ‘a velhinha que dava nome às coisas” e esse livro fala que essa velhinha deu o nome para o carro dela, para casa, para poltrona e para cama dela. (...)Mas eu tenho aprendido que não é assim, que vale a pena se apegar as pessoas, mesmo que você perca.</p> <p><b>(C1: 13m55 - 15m29) total: 01m34</b></p>			
	<p><b>Rebeca:</b> a vida não é só uma linha reta, vai ter tanto nózinho no meio, e uns vão ser boas lembranças, construir uma família tendo filhos, arrumando o emprego dos sonhos, viajando e outras vão ser perdas, algumas partidas, umas reversíveis outras não, mas ainda assim no fim das contas é a vida, é uma história e ela só vai valer a pena se a gente viver.</p> <p>(...)</p> <p><b>(R4: 07m38 - 08m28) total: 00:50</b></p>			
<b>TRANSIÇÃO</b>				
<b>TRABALHO</b>	<p><b>Rebeca:</b></p> <p>Primeiro, assim que me impulsionou a fazer esse trabalho, primeiro é que eu tinha que me formar, então tinha que fazer, mas eu lembro que no semestre que eu tive uma cadeira que já tinha que começar a pensar no trabalho, faziam pouquíssimos meses que minha mãe tinha falecido e eu ainda não sabia sobre o que escrever, sobre o que fazer nesse trabalho.</p> <p>(...)Então, é ter essa coragem que ela teve.</p> <p><b>(R4: 00m57 - 04m28)</b></p> <p><b>IMAGEM DE APOIO</b></p> <p>Porém, ouvir aquelas histórias, ouvir pessoas que perderam a sua esposa, perderam a sua mãe ou pessoas que não perderam mas que ganharam nova chance me mudou de alguma maneira,</p>			

	<p>sabe?! (..) então assim, foi difícil, mas me ensinou muito e eu vou levar essas pessoas comigo.</p> <p><b>(R4: 05m36 - 06m37) total: 01m</b></p>			
	<p><b>Isaiás:</b> “Você é alguém que se tornou tudo para mim, alguém que eu gosto de ter sempre ao meu lado, alguém que me aceitou do jeito que sou, você é a pessoa que eu amo, de Isaiás para Rocilda.”</p> <p><b>(I2: 06m14 - 06m32) total: 00:18</b></p>			
	<p><b>Rebeca:</b> Um nó, dois nós Eu, mais um ou mais Um ser simplesmente O eu poético Do verdadeiro encontro Nó, no plural, nós</p>			
<b>CRÉDITOS FINAIS</b>		Vídeos e fotos das pessoas que participaram do doc	Créditos do doc	O amor é filme (com letra)
	<b>Narradora:</b> texto de homenagem	Vídeos e fotos da minha família e amigos		O amor é filme (instrumental)
	Música de fundo	Tela preta e Símbolos da UFC	Símbolos da UFC	O amor é filme (instrumental)
	<b>Rocilda:</b> “hoje eu acordei me veio uma falta de você, saudade de você, saudade de você (...) um beijo para os meus fãs”	Vídeo da Rocilda cantando	---	Som do vídeo

## ANEXOS

### Cartaz de divulgação



DISPONÍVEL NAS PLATAFORMA DIGITAIS

